

## **SANTA RITA DO RIO ABAIXO**

**José Antônio de Ávila Sacramento**

É inegável a importância da preservação e/ou da recuperação dos hierotopônimos e hagiotopônimos tradicionais (categorias de topônimos que têm como referências nomes sagrados, de crenças e locais de culto, e, especialmente, no nosso caso, nomes de santos ou de santas que integram o hagiológico católico apostólico romano).

Na toponímica religiosa da região da antiga sede da Comarca do Rio das Mortes, os nomes santos quase sempre apresentaram extensões que lembram acidentes geográficos, fatos que lhes conferem aspectos semântico-linguísticos de grande beleza e que, por sua vez, os tornam portadores de formidáveis simbolismos. Recordemos, por exemplo: Distrito de São Miguel do Cajuru, Município de (Nossa Senhora da) Conceição da Barra de Minas, Distrito de São Gonçalo do Brumado (não “do Amarante”!), Distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, Vila de Nossa Senhora de Nazaré (atual Nazareno), Distrito de São Sebastião da Vitória, Município de (Nossa Senhora da) Piedade do Rio Grande, Distrito de São Francisco do Onça, Município de Madre de Deus de Minas, Santa Rita do Rio Abaixo...

O assunto aqui abordado refere-se especificamente ao Município de Ritópolis e estes registros estão sendo escritos com a alma e o coração abertos em favor da possível recuperação de um topônimo do mais alto significado para aquele lugar e para a nossa região. A pretensão não é a de cometer uma indelicada ou incabível intromissão nos assuntos soberanos de outro município, mas a de tecer comentários eminentemente históricos e culturais a respeito de um assunto que é muito importante.

Sabemos que antes do dia 30 de dezembro do ano de 1962, quando o atual Município de Ritópolis ainda era um dos distritos de São João del-Rei, o local detinha a original denominação de “Santa Rita do Rio Abaixo”. Aquelas terras, ainda que por um curto prazo, de 1923 a 1938, também tiveram o nome de Ibitutinga.

Desta forma, não menosprezando a breve denominação de Ibitutinga, mas querendo dissertar apenas a respeito do topônimo que é o original (Santa Rita do Rio Abaixo), o que este articulista pretende é fazer uma provocação: a de que uma recuperação toponímica possa ser repensada, estudada, decidida e adotada para o Município de Ritópolis; com se percebe, não se trata de querer implantar uma nova denominação municipal, mas da possibilidade de recuperação daquela que é a tradicional.

Uma correspondência emitida por Oyama de Alencar Ramalho para o então prefeito Higino Zacarias de Souza, por ocasião da inauguração da nova ponte sobre o Rio das Mortes, lançou luz sobre este e outros assuntos. Vejamos:

“São João del-Rei, 21 de junho de 2000.

*Prezado amigo Higino Zacarias de Souza:*

*Certa ocasião, Aluísio Pimenta escreveu que São João del-Rei é uma “cidade ponte”. Muitas são as leituras que se podem fazer desta feliz e adequada expressão — “cidade ponte”. Todas as pontes são ligações, são margens do rio que se unem, são travessias emblemáticas e simbólicas da nossa caminhada pelo mundo. De um lado podem estar o progresso, a melhor condição material de vida, as armadilhas do adiantamento; do outro podem estar o atraso empacado, a falta de recursos, as fantasias das novidades.*

*Com a **Ponte de Santa Rita do Rio Abaixo** não poderia ser diferente, ainda mais com este altissonante nome. De um lado São João del-Rei, a cidade, aonde se ia resolver problemas, fazer compras na farmácia, passar uma escritura, ouvir um conselho do Seu João Ramalho ou aviar uma receita no Seu Banho. Ia-se de roupa limpa, de cabelo penteado, de terninho de brim, de vestidinho de festa, na jardineira do Vadinho, no caminhão do Vicente Mendes ou no trem de ferro da Oeste de Minas. Do outro lado era Santa Rita do Rio Abaixo — que cismaram rebatizá-la de Ritápolis — aonde ninguém ia, somente voltavam os que tinham ido, maravilhados com barulho citadino, com a imponência do barroco, com as tabuletas coloridas e com o sortimento das abastadas casas comerciais. E para ir e vir, existia uma ponte de pau, que sabe Deus quando e como foi construída. Depois, aproveitaram seus pilares de pedra e fizeram uma outra de cimento armado.*

*Agora, meu caro Higino, alguém, buscando uma frase de efeito, disse que a ponte velha é um passado que já podemos esquecer! Nunca! Mil vezes nunca! Não podemos esquecer do passado, pois sem memória seremos nada. A ponte nova não será ligação, não será encontro do progresso com a mais profunda tradição mineira, não será travessia (nem ‘pesach’ nem ‘páscha’); será mera e rápida passagem, veloz transição, indiferente à vida, indiferente às raízes do nosso povo. A ponte nova, com o esquecimento da velha, jamais será ‘um presente que jamais esqueceremos’. Rapidamente deixará de ser um ‘locus’, um ponto conspícuo, de onde a criança pudesse exclamar: — “Olhe o rio! Olhe a ponte velha por onde passou meu avô!” Sem o passado trivial na memória destruiremos nossos mitos, destruiremos nossa mineiridade e não conseguiremos enxergar com exatidão o porvir. Seremos presas fáceis da velocidade dos tempos modernos e globalizados que nos tem levado para os rumos incertos do imediatismo.*

*Neste 25 de junho de 2000, salve Santa Rita do Rio Abaixo! Salve Ibitutinga! Os únicos lugares do mundo que têm duas pontes no mesmo lugar.*

*Parabéns, Higino, espero que quando você estiver inaugurando a ponte nova, passe pela sua lembrança o nome de todos aqueles que cruzaram a velha e que sintetizem na sua pessoa os melhores valores das nossas comunidades.*

*Com um forte abraço do seu amigo*

*Oyama de Alencar Ramalho.”.*

Como observamos, esta mensagem apresentou profundas reflexões antropológicas, sociológicas, filosóficas, memoriais, poéticas, lingüísticas e, pelo seu teor agora revelado, não deveria e nem poderia mesmo continuar desconhecida ou sequer guardada no fundo de alguma gaveta. Assim sendo, quem sabe se a transcrição dela poderá ser o ponto de partida para a abertura de acuradas discussões a respeito da recuperação de um antigo topônimo?

Observamos que as designações toponímicas antigas quase sempre se apresentam impregnadas de profundos sentidos racionais e vitais que são relevantes para os

cidadãos que habitam a localidade em que elas são ou já foram adotadas. Em outros tempos, era comum o hábito de consultar a folhinha procurando o “santo do dia” e, ainda, costumava-se observar detalhes dos aspectos geográficos para decidir os nomes das pessoas e das povoações que iam sendo criadas ou surgindo espontaneamente por estas “muitas Minas”.

Essas denominações constituem testemunhos históricos que permitem ao homem hodierno retratar com mais clareza as épocas passadas. É possível que sérias reflexões sobre os padrões originais motivadores destes topônimos e a conseqüente recuperação deles muito poderão contribuir para a preservação do patrimônio religioso, geográfico, lexical e cultural de uma região, permitindo até que alguns benefícios diretos ou indiretos, materiais ou abstratos, possam ser oferecidos aos habitantes dela.

Que assim possa acontecer com relação ao topônimo Santa Rita do Rio Abaixo, antiga denominação do território que abriga a tradicional Vila surgida no primeiro quartel do século XVIII, quando tropeiros e viandantes buscavam descanso e vitualhas em terras que estavam sob a proteção de Santa Rita (de Cássia) e localizadas no sentido das correntes das águas do histórico Rio das Mortes!



Antiga ponte sobre o Rio das Mortes – Divisa de S. João del-Rei / *Santa Rita do Rio Abaixo* (foto de José Antônio de Ávila Sacramento, em 07.07. 2011)



A ponte nova, inaugurada no ano 2000 e que recebeu o nome de “Ponte Santa Rita do Rio Abaixo”; a fotografia foi registrada de cima da ponte antiga, da qual, em primeiro plano, se visualiza parte do guarda-corpo (fotografia de José Antônio de Ávila Sacramento, em 07.07.2011).



O missivista Oyama de Alencar Ramalho em cima da velha ponte.  
(Foto de José Antônio de Ávila Sacramento, em 07.07. 2011).

*Nota: este texto foi publicado originalmente no **Jornal de Minas**, São João del-Rei – MG, ano XI, ed. n.º. 158, de 14 a 30 de junho de 2011, página 2.*